



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS V
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

LORRANY RIBEIRO CONCEIÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL PELA MÍDIA ESTRANGEIRA
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O THE
NEW YORK TIMES**

**JOÃO PESSOA
2022**

LORRANY RIBEIRO CONCEIÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL PELA MÍDIA ESTRANGEIRA
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O THE
NEW YORK TIMES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento do Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharelado em Relações Internacionais.

Área de concentração: Relações Internacionais, Bilaterais e Multilaterais.

Orientadora: Prof. Dra. Silvia Garcia Nogueira

**JOÃO PESSOA
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C744c Conceição, Lorrany Ribeiro.

A construção da imagem do Brasil pela mídia estrangeira durante a pandemia de covid-19 [manuscrito] : um estudo de caso sobre o The New York Times / Lorrany Ribeiro Conceicao. - 2022.

45 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas , 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Silvia Garcia Nogueira ,
Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA."

1. Covid-19. 2. Brasil. 3. The New York Times. 4. Governo Bolsonaro. I. Título

21. ed. CDD 320.9

LORRANY RIBEIRO CONCEIÇÃO

**A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO BRASIL PELA MÍDIA ESTRANGEIRA
DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: um estudo de caso sobre o The New York
Times**

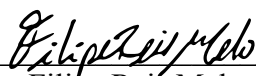
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Relações Internacionais da
Universidade Estadual da Paraíba como
requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Relações Internacionais.

Aprovada em: _22_/_07_/_2022_____.

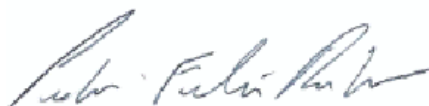
BANCA EXAMINADORA



Silvia Garcia Nogueira (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Filipe Reis Melo
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Pedro Feliú Ribeiro
Universidade de São Paulo (USP)

À minha mãe, por ter cuidado de mim com tanto amor, dedicação e esforço. À minha avó, pela confiança e apoio ao longo dos anos, ao meu pai, pelo suporte e ao Leonardo pelo companheirismo, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

À Deus pela saúde e pela oportunidade de ter ingressado e concluído uma formação de nível superior em um país tão desigual e injusto.

À professora Dra. Silvia Garcia Nogueira pelo apoio e orientação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UEPB/CNPq) e no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

À Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e ao Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) pelo financiamento da pesquisa que originou este trabalho.

À banca examinadora na pessoa do professor Dr. Filipe Reis Melo, também coordenador do curso de Relações Internacionais da UEPB, e ao professor Dr. Pedro Feliú Ribeiro da Universidade de São Paulo (USP).

À sociedade e ao governo paraibano pelo investimento na minha formação através dos recursos destinados à UEPB.

A todos(as) os(as) docentes que passaram pela minha trajetória universitária.

Ao Núcleo de Línguas pela oportunidade de estudar e me aperfeiçoar no Inglês e Espanhol.

Aos meus colegas de turma que em muito contribuíram nos debates em sala de aula.

À secretária Mariana Nóbrega pela comunicação e suporte estabelecido nesses anos.

Ao Centro Acadêmico Mônica de Menezes Campos – nas gestões Carisma, Carcará e Contra Hemisfério - pelo empenho para com a comunidade acadêmica.

A todos(as) funcionários da UEPB que de alguma forma trabalharam e contribuíram para o bom funcionamento da instituição.

À minha mãe pelo amplo esforço dedicado à minha criação e aos meus irmãos por me impulsionarem a me tornar uma pessoa melhor.

À minha avó, Maria Aparecida, pelo amor, zelo e suporte ao longo desses anos.

Ao meu pai pelo trabalho que proporcionou acesso e dedicação exclusiva aos estudos.

Ao Leonardo, meu companheiro para todas as horas, pelo amor, confiança e incentivo.

À minha sogra pelo apoio e por se orgulhar de mim.

À Raika, pela companhia, amor e confiança.

"A imprensa é significativamente mais do que um fornecedor de informações e opiniões. Pode não ser bem sucedida na maioria das vezes em dizer às pessoas o que devem pensar, mas é surpreendentemente bem sucedida em dizer a seus leitores o que pensar."

(COHEN, 1963, p. 13)

RESUMO

O marcador da pandemia de Covid-19 no Brasil é o dia 25 de fevereiro de 2020 quando se iniciou a investigação do primeiro possível caso - que se confirmou posteriormente - da doença no país. O desdobramento da crise na nação brasileira ganhou notoriedade na cobertura de mídias internacionais como o The New York Times (NYT), especialmente quanto à administração federal do surto de escala global. Nesse sentido, o objetivo do presente trabalho foi analisar e responder como o periódico norte-americano construiu a imagem do Brasil, recorrendo às matérias publicadas na edição virtual entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2022. A fim de esclarecer essa questão, foi utilizado o método de natureza documental e bibliográfico (a partir dos trabalhos já publicados sobre as áreas adjacentes da pesquisa). No íterim analisado, o NYT publicou 526 artigos nas seções Briefing e Opinion para tratar do cenário brasileiro. Para a análise destes conteúdos foram adotados os métodos de tipo quantitativo-qualitativo: quantitativo por meio da sistematização das matérias em tabelas e do uso do software Iramuteq para a verificação de recorrências de palavras, ideias e termos relacionados ao tema em tela (apresentados no formato nuvem), e qualitativo pelo viés interpretativo analítico dos conteúdos selecionados). Finalmente, o estudo aponta para a predominância do caráter crítico das notícias que abordam a temática, resultando na fundamentação de uma percepção negativa da gestão e no reconhecimento do Brasil como um Estado pária quanto a administração da pandemia.

Palavras-chave: Covid-19. Brasil. The New York Times. Governo Bolsonaro.

ABSTRACT

The marker of the Covid-19 pandemic in Brazil is February 25, 2020 when the investigation of the first possible case - which was later confirmed - of the disease in the country began. The unfolding of the crisis in the Brazilian nation has earned some reputation throughout the international media such as The New York Times (NYT), especially regarding the federal management of the outbreak on a global scale. In this sense, the objective of this paper was to analyze and answer how the American periodical built the image of Brazil, using the articles published in the virtual edition between February 2020 and February 2022. In order to clarify this issue, the documental and the bibliographical nature method was also used (based on works already published on the adjacent areas of the research). During the analyzed period, the NYT published 526 articles in the Briefing and Opinion sections dealing with the Brazilian scenario. For the analysis of these contents the quantitative-qualitative type methods were applied: quantitative by systematizing the articles in tables and using the Iramuteq software to verify the recurrence of words, ideas, and terms related to the theme on screen (presented in cloud format), and qualitative by the interpretative analytical bias of the selected contents). Finally, the study points to the predominance of the critical character of the news that address the theme, resulting in the substantiation of a negative perception of the management and the recognition of Brazil as a pariah state regarding the management of the pandemic.

Keywords: Covid-19. Brazil. The New York Times. Bolsonaro Government.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – **Figura 1** - Nuvem de palavras formada a partir das matérias publicadas no The New York Times entre 25/02/2020 e 25/02/2022 31

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Tabela 1 - Sistematização das matérias publicadas pelo The New York Times de 25/02/2020 a 31/07/2021	24
Tabela 2 –	Tabela 2 - Sistematização das matérias publicadas pelo The New York Times de 01/08/2021 - 25/02/2022	28

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	11
1	PANDEMIA DE CORONAVÍRUS NO BRASIL	13
1.1	Disputa ideológica, negacionismo e a dança da cadeira ministerial	15
2	O ESTUDO DA MÍDIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UM BREVE HISTÓRICO	18
3	A COBERTURA DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL PELO THE NEW YORK TIMES	22
4	O PERIÓDICO NORTE-AMERICANO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM INTERNACIONAL DO BRASIL NA PANDEMIA DE COVID-19	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
	REFERÊNCIAS	37

INTRODUÇÃO

A mídia performa na contemporaneidade como um instrumento onipresente nas relações sociais e está consolidada como um influente ator nas relações interestatais (VALENTE, 2007; CAMARGO, 2008; BURITY, 2012; CIRINO, LEITE e NOGUEIRA, 2019; NOGUEIRA, MELO e GALDINO, 2020; FERREIRA e RIBEIRO, 2021). Apesar disso, por muito tempo o estudo acerca desse agente foi secundarizado pelos estudiosos das relações internacionais e internacionalistas que se dedicavam exclusivamente aos assuntos vinculados ao *hard power*, negligenciando, assim, a importância do *soft power* dos meios de comunicação e da opinião pública para o campo do conhecimento (MARINUCCI, 2008).

Ainda hoje, são poucos os acadêmicos que trabalham com a conexão entre a comunicação social e as relações internacionais, apesar disso, a temática tem se popularizado e alcançado merecido reconhecimento. Nesse sentido, cabe mencionar que uma parte desses pesquisadores estão concentrados no grupo de pesquisa em Mídia, Opinião Pública e Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba (MOPRI/UEPB), de que a autora é integrante e no âmbito do qual esse estudo se insere.

No período entre 2020 e 2022, desenvolveu-se a pesquisa acadêmica da escritora sobre a construção da imagem do Brasil por periódicos internacionais durante a pandemia de Covid-19. Os projetos intitulados “O governo Bolsonaro *versus* as recomendações da OMS: uma análise através do Twitter, do The New York Times e El País¹” (Edital 2020/2021) e “A construção da imagem do Brasil pela mídia estrangeira durante a pandemia de Covid-19” (Edital 2021/2022) estiveram abrigados no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC)² financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a coordenação da orientadora desta monografia, Silvia Garcia Nogueira.

A temática foi selecionada levando em consideração o contexto político do Brasil ao longo da crise sanitária de Covid-19 inaugurada em 25 de fevereiro de 2020 e a forma como a opinião pública internacional de líderes governamentais e cidadãos comuns poderiam interpretar e/ou reagir às ações adotadas internamente pelo governo do ex-militar Jair Bolsonaro ([PL] 2019-). Em um primeiro momento, a pesquisa se concentrou na contradição

¹ Não foi possível manter o periódico El País na pesquisa, uma vez que o filtro de buscas do jornal não permitiu o acesso às publicações passadas. A coleta de dados, embora tenha se dado diariamente, iniciou em agosto de 2020 (após 6 meses das primeiras publicações), portanto, desconsiderou-se a utilização do jornal e acrescentou-se o jornal colombiano El Tiempo na Cota 2021/2022.

² Aproveito esse espaço para agradecer ao CNPq e a UEPB pelo financiamento da pesquisa, bem como a orientadora por todo suporte prestado e conhecimentos repassados durante esses dois anos de estudo.

entre as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e as medidas defendidas pelo governo federal brasileiro no Twitter e a repercussão dessa divergência no *The New York Times*. Posteriormente, foi trabalhada a construção da imagem do Brasil pelos jornais *The New York Times* e *El Tiempo*, ainda sob o escopo do surto para diversificar e comparar as análises dos periódicos. Os resultados obtidos nas duas cotas do PIBIC foram publicados em trabalhos e eventos acadêmicos (GALDINO, CONCEIÇÃO e NOGUEIRA, 2020; CONCEIÇÃO, 2020; CONCEIÇÃO e NOGUEIRA, 2021; NOGUEIRA, GALDINO e CONCEIÇÃO, no prelo³ e; CONCEIÇÃO e NOGUEIRA, no prelo⁴), bem como, serão explorados nas páginas seguintes.

Nesta monografia, serão abordados amplamente os dados referentes à mídia norte-americana. Tal concentração é justificada pela abrangência e relevância desta para a formulação da opinião pública da comunidade internacional corroborada pelo número de leitores que a consomem (10,3 milhões de assinantes nacionais e internacionais)⁵. A quarta edição do *Press Gazette's 100k Club* publicada em 12 de maio de 2022, apontou o NYT como o maior meio de comunicação de notícias em inglês do mundo pela variável assinaturas, seguido do *The Wall Street Journal* com cerca de 3 milhões de assinantes (TURVILLE, 2022), discrepância considerável entre o primeiro e o segundo colocado. O objetivo é descrever o modo como o periódico estadunidense *The New York Times* (NYT) construiu a imagem internacional do Brasil no recorte da pandemia de Covid-19, no íterim entre 25 de fevereiro de 2020 - quando foi noticiada a investigação do primeiro possível caso da doença no país - até 25 de fevereiro de 2022, totalizando dois anos de conteúdo publicado pelo jornal. O critério estabelecido para a coleta dos materiais jornalísticos foi a palavra-chave *Brazil* (Brasil, em inglês) e as seções utilizadas foram *Opinion* (Opinião) e *Briefing* (Resumo). A primeira categoria foi selecionada por se tratar de artigos de opinião, a partir dos quais seria possível traçar o posicionamento do NYT em relação a pandemia no Brasil e a segunda, corresponde aos resumos diários e/ou semanais do veículo onde são apresentados os principais tópicos das últimas notícias como, por exemplo, as atualizações dos casos de Covid-19 em território brasileiro.

O método utilizado nesta pesquisa é de natureza bibliográfica (a partir dos trabalhos já publicados sobre as áreas adjacentes da pesquisa) e documental (partindo da coleta de dados no jornal *The New York Times*). Para a análise dos conteúdos de interesse do estudo

³ Dossiê Mídia e Relações Internacionais da Revista de Estudos Internacionais (REI/UEPB). Previsão de publicação em 2022.

⁴ Organizadores: Dr. Filipe Reis Melo, Dra. Silvia Garcia Nogueira e Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira. Selo Editorial PPGCOM/UFMG, previsão de publicação em 2022.

⁵ E 9,1 milhões de assinaturas pagas.

veiculados no periódico, serão adotadas as abordagens metodológicas quantitativa-qualitativa: quantitativa por meio da sistematização das matérias em tabelas e do uso do software Iramuteq para a verificação de recorrências de palavras, ideias e termos relacionados ao tema em tela (apresentados no formato nuvem), e qualitativa pelo viés interpretativo analítico dos conteúdos selecionados.

Ao fim deste trabalho, pretende-se responder como o *The New York Times* noticiou os acontecimentos internos do Brasil - no contexto pandêmico - com o propósito de identificar a imagem do país que foi apresentada para a comunidade internacional pelo meio de comunicação estadunidense. Para tanto, o trabalho está dividido em quatro capítulos para além da introdução e das considerações finais. A primeira seção tratará da contextualização da emergência sanitária e seus desdobramentos internos. Já a segunda parte, apresentará o estudo de mídia e opinião pública dentro das Relações Internacionais. A terceira, apresentará o *The New York Times* e os conteúdos publicados pelo jornal e, por fim, a última seção se destina à análise interpretativa dos dados obtidos.

1 PANDEMIA DE CORONAVÍRUS NO BRASIL

A fim de elucidar as circunstâncias nas quais este trabalho foi escrito, será trazido neste capítulo a contextualização da crise sanitária mundial e como ela atravessou fronteiras até chegar no país, bem como suas imediatas consequências políticas no governo Jair Bolsonaro.

O caso mais antigo de SARS-CoV-2⁶ data de 10 de dezembro de 2019. A paciente de Wuhan, uma cidade da província de Hubei na República Popular da China, apresentava um quadro sem precedentes na medicina. Segundo Worobey (2021), no dia 30 de dezembro a Comissão Municipal de Saúde de Wuhan “emitiu dois avisos de emergência para circulação interna nos hospitais locais, alertando-os sobre pacientes com pneumonia inexplicável”⁷ (WOROBNEY, 2021, tradução livre), ao ter conhecimento da situação, o diretor do Centro de Controle e Prevenção de Doenças da China notificou a Comissão Nacional de Saúde.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre a situação em 31 de dezembro de 2019 e declarou, exatamente um mês depois, a Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)⁸. O temor de Tedros Adhanom Ghebreyesus (diretor-geral

⁶ Síndrome Respiratória Aguda Grave Coronavírus-2.

⁷ Original: “issued two emergency notices for internal circulation to local hospitals alerting them to patients with unexplained pneumonia” (WOROBNEY, 2021).

⁸ A ESPII é “um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido à disseminação internacional de doenças; e potencialmente requer uma resposta internacional coordenada e imediata” (ESTADOS UNIDOS, 2020).

da OMS) era a disseminação da Covid-19 para os países “com sistema de saúde mais fracos e mal preparados para lidar com ela” (SUIÇA, 2020a, tradução livre). Nesse sentido, a globalização contribuiu para que em pouco tempo a doença se espalhasse para a Europa Ocidental e alcançasse todas as partes do planeta concretizando o pesadelo da instituição.

Antes mesmo de a doença ser detectada em solo brasileiro, o Ministério da Saúde (MS), sob direção do médico Luiz Henrique Mandetta, declarou Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional (ESPIN)¹⁰, no dia 4 de fevereiro (BRASIL, 2020a). O primeiro caso do novo coronavírus foi confirmado no dia 26 do mesmo mês, antes disso, outros 59 pacientes tiveram o diagnóstico descartado (BRASIL, 2020b). Na coletiva de imprensa para anunciar o resultado positivo, o chefe da pasta declarou: “É mais um tipo de gripe que a humanidade vai ter que atravessar” (Idem, 2020b).

O paciente paulista de 61 anos havia chegado de viagem à Itália no dia 21 de fevereiro. No dia 23 apresentou os primeiros sintomas e no dia seguinte procurou pelo serviço de saúde no Hospital Albert Einstein. No dia 25, o MS foi alertado sobre a suspeita e iniciou a supervisão do quadro junto às Secretarias Municipal e Estadual de São Paulo até que o diagnóstico comprovou a síndrome respiratória aguda no empresário (BRASIL, 2020c). Além de inaugurar a pandemia no Brasil, esse foi também o primeiro na América do Sul (RODRIGUEZ-MORALES et. al., 2020).

Diante do cenário mundial de proliferação da Covid-19, a OMS declara em 11 de março situação de pandemia. Em seu pronunciamento, Ghebreyesus alerta: “pedimos todos os dias que os países tomem medidas urgentes e agressivas¹¹”, e continua: “todos os países devem encontrar um bom equilíbrio entre proteger a saúde, minimizar as interrupções econômicas e sociais e respeitar os direitos humanos. O mandato da OMS é a saúde pública¹²” (SUIÇA, 2020b, tradução livre, grifo nosso).

Apesar desta advertência, o Brasil falhou na contenção do vírus. Conforme Amanda Galdino, Lorrany Conceição e Silvia Nogueira (2020), após a detecção do primeiro infectado, demorou pouco até que todas as unidades federativas do país registrassem casos da doença. As autoras apontam que a mídia nacional e internacional vinculavam o alto número de contágios à má gestão pública e a ausência de uma ação coordenada pela União (Idem, 2020).

⁹ Original: “(...) with weaker health systems, and which are ill-prepared to deal with it”.

¹⁰ A declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional - ESPIN ocorre “em situações que demandem o emprego urgente de medidas de prevenção, controle e contenção de riscos, danos e agravos à saúde pública”. DECRETO Nº 7.616, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7616.htm> Acesso em: 21 maio 2022

¹¹ Original: “We have called every day for countries to take urgent and aggressive action”.

¹² Original: “All countries must strike a fine balance between protecting health, minimizing economic and social disruption, and respecting human rights. WHO’s mandate is public health”.

Na pandemia do novo coronavírus, o Superior Tribunal Federal reconheceu a competência concorrente das três esferas de governo¹³ no combate à crise sanitária (STF, 2020). A decisão garantiu a autonomia de governadores e prefeitos para determinarem as medidas de combate a SARS-CoV-2 (VIEIRA, 2020) em suas respectivas áreas de jurisdição. De acordo com Souza e Fontanelli (2020), Bolsonaro optou por não correr o risco de ser responsabilizado pelas consequências econômicas oriundas do surto mundial e abdicou das decisões para que as esferas subnacionais arcassem com o custo político pós-pandemia. Em outras palavras, o presidente “não se preocupou fundamentalmente em enfrentar o vírus” (DUARTE e CÉSAR, 2020).

Até 25 de fevereiro de 2022 (escopo da pesquisa), o Brasil contabilizou 648.267 óbitos pela Covid-19 e 28.671.194 casos confirmados (TITO, 2022). Em 17 de julho de 2022¹⁴, o país somou 33.301.118 infectados pela Covid-19 e 675.250 mortos pela doença. Esses números refletem e corroboram a tese defendida por Deisy Ventura e Rosana Reis (2021), após mapearem e analisarem as normas jurídicas de resposta a Covid-19, de que houve uma estratégia coordenada pelo governo federal para a disseminação da doença através da imunidade de rebanho (não recomendada pela comunidade científica).

1.1 Disputa ideológica, negacionismo e a dança da cadeira ministerial

Com a eclosão da crise sanitária no país, os brasileiros assistiram à polarização, à politização e à ideologização da Covid-19. O confronto mais direto se deu entre o presidente da República, Jair Bolsonaro, e o governador de São Paulo, João Doria (PSDB). Por um lado, o chefe de Estado insistia em avançar com seus discursos negacionistas e anti globalistas¹⁵, por outro, o tucano defendia as medidas de proteção e contenção recomendadas pela OMS.

O embate se acentuou em torno de dois tópicos em que os políticos discordavam: o *lockdown* (confinamento) e a vacina. No primeiro, o posicionamento defendido pelo líder brasileiro era em prol do isolamento vertical, ou seja, para que somente o público de risco (idosos, gestantes, portadores de doenças pulmonares, etc.) cumprissem o distanciamento social, em contrapartida, o paulista pregava pelo isolamento total ou horizontal, aquele praticado por todos independentemente de estar ou não no grupo de risco. A necessidade de adoção dessa medida é explicada por dois fatores: 1) a diminuição da transmissibilidade da

¹³ Municípios, estados e a União.

¹⁴ <<https://covid.saude.gov.br/>>

¹⁵ Não existe um conceito delimitado acerca do que é o Globalismo, ele pode ser entendido e interpretado de diversas maneiras ao longo da história por grupos distintos, entretanto, aqui o termo “anti globalista” representa aqueles indivíduos e/ou discursos contrários a integração global em fóruns multilaterais por acreditarem na influência do marxismo cultural dessas instituições (GRAGNANI, 2019).

doença e, conseqüentemente, 2) a não sobrecarga do Sistema Único de Saúde (SUS) (CAMARGO e COELI, 2020). Bolsonaro, apoiado pela elite nacional, sempre trouxe à tona a questão econômica em seus discursos para argumentar contra a “paralisação” sem considerar o abismo e a desigualdade social e econômica existente no país (NEVES e GOMES, 2021), já Doria, defendia em sua retórica a saúde dos cidadãos em oposição ao setor econômico.

Ao que se refere à vacina, o mandatário por vezes recusou os avanços científicos e tecnológicos do Instituto Butantan (São Paulo-SP) na busca pelo imunizante contra a Covid. Essa decisão, contribuiu para que o governador promovesse sua *performance* política e saísse do confronto com crédito eleitoral positivo após o laboratório lograr êxito no desenvolvimento e distribuição massiva da vacina. Inclusive, foi esse fenômeno que impulsionou a vitória do nome do tucano nas prévias presidenciais do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) em 27 de novembro de 2021 e se tornasse pré-candidato à presidência contra, entre outras candidaturas, a de Jair Bolsonaro (PL) na eleição de 2022. Apesar disso, em 23 de maio, Doria abriu mão da disputa.

Tais atitudes somadas às outras declarações e ações do presidente, fizeram com que seu posicionamento fosse caracterizado por intelectuais e pela mídia nacional e estrangeira como negacionista diante da pandemia da SARS-CoV-2. O negacionismo é:

o emprego de táticas retóricas para dar a aparência de argumento ou debate legítimo, quando na realidade não há. Estes falsos argumentos são usados quando se tem poucos ou nenhum fato para apoiar o ponto de vista contra um consenso científico ou contra provas esmagadoras do contrário¹⁶ (HOOFNAGLE e HOOFNAGLE, 2022 [2007], tradução livre).

Os indivíduos que optam pelo negacionismo recorrem a cinco táticas gerais para difundir informações enganosas: 1) identificam conspirações; 2) selecionam trabalhos acadêmicos que vão na contramão do consenso científico; 3) elegem falsos especialistas com pontos de vista incoerentes com o conhecimento estabelecido; 4) criam expectativas impossíveis e; 5) deturpam e criam falácias lógicas (HOOFNAGLE e HOOFNAGLE, 2022 [2007]). Em última instância, foram esses os procedimentos adotados por Bolsonaro na condução da crise sanitária e que podem ser identificados na sequência a seguir.

Para o presidente, o vírus estava sendo superdimensionado (DIAS, 2020). Em seu Twitter, publicou estudos sobre o uso do Nitazoxanida (Anitta) no tratamento da Covid-19, quando a descoberta da redução da carga viral ainda não havia sido revisada pelos especialistas (BOLSONARO, 2021). Bolsonaro contou com o respaldo da médica Nise

¹⁶ Original: “is the employment of rhetorical tactics to give the appearance of argument or legitimate debate, when in actuality there is none. These false arguments are used when one has few or no facts to support one’s viewpoint against a scientific consensus or against overwhelming evidence to the contrary”.

Yamaguchi na promoção da Cloroquina (BARIFOUSE, 2021). Por vezes, ele afirmou que a “pandemia esta[va] quase acabando” (ANDRADE, 2020, p. 1; GULLINO, 2020, p. 1), quando na verdade, o país passava por um momento crítico. Ademais, ele atribuiu ao medicamento antimalárico, Hidroxicloroquina, sua cura da doença (BOLSONARO, 2020).

O negacionismo presidencial garantiu ainda um episódio dramático na pandemia: a “dança da cadeira ministerial” (COUTO, 2020). Em pouco mais de dois anos, a principal pasta em um cenário de crise sanitária - o Ministério da Saúde (MS) -, foi ocupada por quatro chefes diferentes, três médicos de carreira e um ex-militar especializado em logística. O primeiro nomeado para o cargo foi o ortopedista pediátrico Luiz Henrique Mandetta (que permaneceu no cargo de 01 de janeiro de 2019 a 16 de abril de 2020). Sua postura inicial foi seguir as normas técnicas e as recomendações da OMS, por esse motivo, sua gestão foi muito bem avaliada, ainda que as primeiras ações tenham sido proteladas (OLIVEIRA e FERNANDEZ, 2020). Essa decisão, em detrimento da trilha negacionista, garantiu sua exoneração do cargo.

Com a saída de Mandetta, quem ocupou a cadeira foi o médico oncologista Nelson Luiz Sperle Teich. Este, por sua vez, foi responsável pela pasta de 17 de abril de 2020 a 15 de maio do mesmo ano e esteve ligeiramente mais alinhado com os posicionamentos presidenciais. Teich, conforme Oliveira e Fernandez (2020), representou a transição entre as medidas técnicas e as ações pautadas na retórica bolsonarista. Entretanto, o especialista optou - em suas palavras - por não manchar sua carreira por conta da hidroxicloroquina¹⁷ (JUNQUEIRA e MACHIDA, 2020).

Com o desligamento do segundo ministro, assumiu interinamente o ex-general e secretário-executivo do MS Eduardo Pazuello, sendo nomeado oficialmente ao cargo depois de 3,5 meses à frente da pasta. Seu comando se estendeu de 15 de maio de 2020 a 14 de março de 2021. Pazuello esteve altamente alinhado com o presidente numa relação de hierarquia e dependência, característica de seu passado militar. Foi com o terceiro chefe da Saúde que Bolsonaro finalmente alcançou seu objetivo de politização do MS em consonância com o esvaziamento técnico da pasta em favorecimento da militarização ministerial (OLIVEIRA e FERNANDEZ, 2020). Apesar disso, Pazuello também foi demitido, dessa vez não por discordar com o presidente, mas sim por pressão de aliados (Centrão¹⁸) após Bolsonaro temer perder a reeleição em 2022 (TRAUMANN, 2021).

¹⁷ Antimalárico defendido como tratamento por líderes populistas como Jair Bolsonaro e Donald Trump sem comprovação científica de eficácia para o novo coronavírus.

¹⁸ De acordo com o cientista político Rodrigo Prando o Centrão é uma “união informal de certos parlamentares de alguns partidos, sem homogeneização ideológica” (VEIGA, 2021).

Assume, portanto, o médico cardiologista Marcelo Antônio Cartaxo Queiroga, em 15 de março de 2021 (o ministro se mantém em exercício até a redação deste trabalho). Emblematicamente, o paraibano assume no auge da vacinação e tem sua ação destacada nesse quesito, no entanto, sua administração enfrentou uma polêmica ao não recomendar imediatamente após a liberação, a imunização de crianças contra o novo coronavírus. Pouco mais de um ano de sua posse, com o avanço da vacinação no Brasil e a queda da média móvel de infectados e de óbitos por Covid-19, o fim da ESPIN foi assinado em 22 de abril de 2022 e oficializado um mês após em 22 de maio (BRASIL, 2022).

2 O ESTUDO DA MÍDIA NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS: UM BREVE HISTÓRICO

O curso de Relações Internacionais (RI) surgiu após o fim da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) na Universidade do País de Gales, na Grã-Bretanha (CAMOÇA, LUZ, RESENDE e SILVA, 2017) e chegou no Brasil somente em 1974, pela Universidade de Brasília (UnB), a pioneira na oferta do bacharelado. Já o curso de Comunicação Social (CS) surgiu na década de 1940 e se consolidou em meados de 1970 (VICENTE, 2009). Portanto, é compreensível que as áreas ainda possuam temáticas pouco exploradas já que são muito novas em comparação com outras como, por exemplo, o Direito. Os dois cursos possuem como marca a interdisciplinaridade e agregam ferramentas metodológicas da Ciência Política e da linguagem, o que faz com que ambos os campos de conhecimento se aproximem, ainda mais no seu aspecto contemporâneo (MONTEIRO e LESSA, 2020).

Da união entre RI e CS é possível sintetizar a Comunicação Política Internacional (CPI), conceituado por Oliveira (2010) como “um campo extraordinário de observação dos efeitos que a mídia pode exercer junto às relações internacionais” (p. 143). De acordo com o autor, a CPI surgiu nos entreguerras, porém, só obteve um campo de pesquisa próprio posteriormente à Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Um dos primeiros pesquisadores a tratar da importância da mídia para as Relações Internacionais foi o cientista político israelense Eytan Gilboa (VALENTE, 2007). O professor da Universidade de Bar-Ilan publicou trabalhos sobre a influência da imprensa estadunidense na opinião pública e seus efeitos no rumo da política externa do país. Conforme Leonardo Valente (2007), pesquisas de cunho semelhante foram surgindo após a Guerra do Vietnã (1959), entretanto, ganhou impulso com o aparecimento das grandes companhias de TV em escala mundial na década de 1980 e a invasão do Iraque em 1990.

Gilboa (2001) cunhou o termo Media Diplomacy (diplomacia midiática, em português) que trata sobre a influência dos meios de comunicação nas negociações internacionais e na disputa pelo poder no sistema mundial. Além disso, o professor criou a teoria do Efeito CNN que estuda os efeitos das TV globais sobre as relações internacionais (VALENTE, 2007). Dessa forma, o israelense inaugurou uma nova seção de estudos sobre Relações Internacionais, Ciência Política e Comunicação Social.

Apesar do relativo atraso em relacionar a CS e as RI, essa união apresenta grandes contribuições para ambas as áreas do conhecimento, mas em especial, à segunda. No que diz respeito aos assuntos internacionais, é possível analisar o impacto das ações de líderes de Estado e governo tanto no âmbito nacional, quanto no internacional através dos meios de comunicação como as redes sociais e os veículos de informação digitais e televisionados. Isso acontece porque, tanto os governantes, como a elite política, passam a calcular a repercussão midiática de suas ações (ELIAS, 2017) o que impacta diretamente nas decisões dos *policymakers*¹⁹.

Uma exposição explicativa e detalhada da interconexão entre os campos do conhecimento já foi realizada por Leonardo Valente em 2007. Em suma, o acadêmico concluiu que essa aproximação foi potencializada pela Era da Informação que “modificou profundamente manifestações sociais e psicológicas, comportamentos coletivos e individuais” (p. 19). Desse modo, ao passo que a globalização contribuiu para que as distâncias diminuíssem e a revolução tecnológica para que a informação e instrumentos alcançassem mais pessoas, a mídia foi surgindo como um ator das relações internacionais por ser capaz de influenciar a opinião pública e conseqüentemente as decisões dos formuladores das políticas públicas.

Alguns estudiosos como Oliveira (2010) classificaram a mídia como um agente em ascensão das relações internacionais, outros da mesma geração, no entanto, apontam que tal posição já havia sido conquistada, como Valente (2007), Burity (2012) e Nogueira (2016) que afirmam que o *status* de ator das relações internacionais teria sido adquirido pela mídia, mas que tal posição divergia daquela possuída pelos Estados que seriam atores de *status* atribuídos (BURITY, 2012). Sendo assim, adotaremos neste trabalho a concepção de que a mídia é hoje um ator importante e consolidado no sistema internacional.

Em Política Externa na Era da Informação, Valente (2007) demonstra que o Estado não perdeu seu poder com as transformações recentes do mundo, pelo contrário, ele passou a jogar no tabuleiro internacional com uma nova peça, já que, em consonância com Nye (2002) e Rothkopf (1998) (apud VALENTE, 2007), a mídia pode solidificar ainda mais o *status quo*

¹⁹ Formuladores de políticas públicas.

desse poder. Isso porque a informação passa a ser um novo produto e um meio para se fazer política, portanto, os Estados que obtiverem capacidade de reter e difundir essa matéria-prima, acumulará ainda mais poder (Idem, 2007).

No contexto atual, os meios de comunicação têm a aptidão necessária para influenciar a opinião pública, uma vez que o papel da mídia é “informar ao público os acontecimentos ocorridos em níveis local, regional, nacional e mundial” (BURITY, 2012, p. 40). Ademais é a partir desse trabalho que a população “constrói gradualmente sua visão de mundo e percepções sobre temas (como guerra, paz, armamentos, meio ambiente), atores (Estados, instituições, políticos, empresas, ONG, indivíduos) e processos (globalização, integração regional, interdependência)” (ELIAS, 2017). Não se pode desconsiderar, no entanto, que esses meios de comunicação de massa caracterizam-se como “agentes sociais envolvidos em processos de construções cognitivas coletivas, uma vez que veiculam em larga escala discursos interessados” (NOGUEIRA, 2012). Dito isso, é possível inferir que a mídia também influencia a formulação de políticas externas ao interferir diretamente no cenário o qual essas políticas são criadas e empreendidas (NOGUEIRA, 2012, 2016).

É válido ressaltar que estratégias como a Agenda-Setting e a forma como o conteúdo é produzido e apresentado ao público interferem abruptamente na maneira como o espectador compreende e repassa tal assunto. A Agenda-Setting refere-se à estratégia dos meios de comunicação de hierarquizar assuntos para influenciar não “o que” mas sim “sobre o que” os indivíduos devem pensar, debater e refletir (ARRAIS, 2014). Tal teoria tem como expoente o jornalista e professor estadunidense Maxwell McCombs.

Visto isso, a imprensa configura-se como “um poderoso instrumento de manipulação e persuasão, que é capaz de formar opiniões, hábitos, comportamentos” (AMARAL, 2011, p. 9), uma vez que ela espelha e induz a formação de opiniões e tendências (MANZUR, 1999). Outro fator relevante é o fato de que, muitas vezes, esses veículos são o único canal pelo qual os indivíduos recebem informações sobre as relações exteriores e outros países (SOROKA, 2003). Ou seja, “esses meios de comunicação em massa desempenham necessariamente um papel significativo em determinar a atenção do público aos assuntos externos²⁰” (Idem, 2003, p. 44) e no modo como interpretar tais acontecimentos.

Ferreira (2015) demonstra que há um extenso e divergente esforço em conceituar opinião pública, entretanto, os autores que se dedicam a este trabalho concordam que “a opinião pública surge com a ascensão da classe média, [com o] desenvolvimento de

²⁰ Original: “The mass media necessarily play a significant role in determining public attention to foreign affairs”.

instituições democráticas, [com o] aumento das taxas de alfabetização e, sem dúvida alguma, [com a ascensão] dos meios de comunicação de massa na sociedade” (p. 64-65).

Andrade (1964) aponta que o termo opinião pública “com o significado de participação popular nas coisas de interesse público” (p. 109) surgiu no século XVIII, com Jean Jacques Rousseau. O autor ainda afirma que esta não é uma opinião unânime ou da maioria, segundo ele “a opinião pública é reflexo do grau, da eficiência, da organização e da verbalização dos grupos ou indivíduos que participam do debate” (p. 121).

Para tratar da temática utilizaremos a teorização de Figueiredo e Cervellini (1995) que defende que a opinião pública é:

Todo fenômeno que, tendo origem em um processo de discussão coletiva e que se refira a um tema de relevância pública (ainda que não diga respeito à toda a sociedade), esteja sendo expresso publicamente, seja por sujeitos individuais em situações diversas, seja em manifestações coletivas (p. 178).

Porém, é preciso cuidado para que o termo não seja considerado como uma noção mundialmente aceita. Radenovic (2006) afirma que é incorreto tratar de uma opinião pública mundial, já que, para tanto, seria preciso que a ideia satisfizesse uma série de requisitos técnicos, políticos e cognitivos e que alcançassem um número considerável da população mundial através do único fórum “global”²¹ e democrático: a internet (Idem, 2006).

Partindo especificamente para o governo brasileiro e a mídia, Amorim (2021) pontua que desde a campanha presidencial de 2018, Bolsonaro deixava claro que não compactuava com os valores democráticos de liberdade de expressão e de imprensa. Ao longo da gestão bolsonarista, diversos ataques contra (alguns) meios de comunicação e comunicadores foram realizados diretamente pelo presidente, seus seguidores mais próximos e apoiadores²². No contexto pandêmico, Bolsonaro notabilizou-se interna e externamente pelos discursos e atitudes divergentes das recomendações da OMS, uma vez que os meios de comunicação reportaram tal comportamento (CONCEIÇÃO e NOGUEIRA, 2021). Além disso, neste período o presidente compartilhou um alto número de notícias mentirosas, distorcidas e negacionistas acerca da temática em suas redes sociais como o Twitter (GALDINO, CONCEIÇÃO e NOGUEIRA, 2021). Esse posicionamento é perigoso ao passo que o governante tem capacidade de influenciar a opinião de seus seguidores e induzi-los a adotarem medidas contrárias às recomendações dos corpos técnicos da saúde.

²¹ Sinaliza-se o termo global por não serem todos os indivíduos do globo com acesso a tal recurso, o que também limita a formulação de um pensamento democrático e mundialmente comum.

²² Segundo levantamento realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), entre 2019 e 2021, o presidente sozinho foi responsável por 443 ataques à imprensa. Disponível em: <<https://fenaj.org.br/relatorios-de-violencia-contrajornalistas-e-liberdade-de-imprensa-no-brasil/>>

Considerando o que foi exposto, evidencia-se a importância da mídia para o estudo das relações internacionais e seu poder de influência sobre a opinião pública nacional, regional e global. Desse modo, no seguinte capítulo será abordado como o jornal estadunidense *The New York Times* reportou a pandemia no Brasil e adiante, como essas matérias construíram a imagem do país ao longo da crise.

3 A COBERTURA DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL PELO THE NEW YORK TIMES

O *The New York Times* (NYT) - chamado inicialmente de *New-York Daily Times* - foi fundado em 18 de setembro de 1851 por Henry J. Raymond e George Jones. De acordo com Gonçalves (2019), o periódico alcançou prestígio por conta do tom moderado em oposição ao sensacionalismo comum na imprensa nacional da época e, posteriormente, passou a ser reconhecido como um exemplo de jornalismo internacional.

Em seu site oficial (www.nytc.com), o NYT apresenta como missão buscar a verdade e ajudar as pessoas a entenderem o mundo, tendo como um de seus valores a independência, comprometendo-se a “dar as notícias de forma imparcial, sem medo ou favor, independentemente do partido, seita ou interesses envolvidos²³” (NYTCO, s/a, tradução livre).

Em seus 171 anos, o jornal já venceu 7 Prêmios Pulitzer²⁴ pelo Serviço Público e 1 Oscar de Documentário Curto, além das premiações e reconhecimentos anuais como as nomeações ao Emmy (23 somente em 2020²⁵).

Além disso, o mais recente relatório da empresa (publicado em maio de 2022), aponta que no fim do 1º trimestre deste mesmo ano, a *The New York Times Company* contava com mais de 9,1 milhões de assinaturas pagas entre produtos digitais e impressos e o total de 10,3 milhões assinantes. Somente no referido período, foram adquiridas 1.354.000 assinaturas digitais (NYTCO, 2022).

Por se tratar do principal veículo de comunicação em inglês considerando sua capilaridade mundial, o NYT foi selecionado como a principal fonte para a pesquisa acerca da construção da imagem internacional do Brasil na pandemia de Covid-19. O jornal foi acompanhado diariamente através da assinatura digital e os materiais foram coletados em dois

²³ Original: “to give the news impartially, without fear or favor, regardless of party, sect, or interests involved”.

²⁴ O Prêmio Pulitzer é uma apreciação estadunidense concedida a algum indivíduo, grupo de indivíduo e/ou organização como um incentivo à excelência no trabalho jornalístico, literatura e composição musical. Disponível em: <<https://www.pulitzer.org/page/history-pulitzer-prizes>>.

²⁵ <<https://www.nytc.com/company/prizes-awards/>>

blocos entre fevereiro de 2020 e fevereiro de 2022. Durante ambos os períodos a palavra-chave pesquisada foi o termo *Brazil* nas seções *Opinion* e *Briefing*. O primeiro conglomerado de artigos trata dos conteúdos publicados entre 25 de fevereiro de 2020 e 31 de julho de 2021, já o segundo fragmento se refere ao íterim de 01 de agosto de 2021 a 25 de fevereiro de 2022. O objetivo foi acompanhar a forma como o jornal reportava a pandemia no Brasil ao longo de dois anos tendo como marco inicial a investigação do primeiro caso da doença no país e como critério de divisão da coleta a duração das Cotas do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (1ª cota: de agosto a julho de 2021 [Edital 2020-2021] pelo projeto “O governo Bolsonaro *versus* as recomendações da OMS: uma análise através do Twitter, do The New York Times e El País” / 2ª cota: de agosto de 2021 a julho de 2022 pelo Edital 2021-2022 com o projeto “A construção da imagem do Brasil pela mídia estrangeira durante a pandemia de Covid-19” financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), sob a coordenação da orientadora desta monografia, Silvia Garcia Nogueira).

No primeiro momento do estudo (fevereiro de 2020 a julho de 2021) foram contabilizadas 399 matérias publicadas pelo *The New York Times*, sendo 252 artigos em *Briefing* e 147 em *Opinion*. Do total, 248 referiam-se ou citavam a pandemia de Covid-19 no país, representando 62,15% de todo o material publicado pelo jornal no período analisado. Os conteúdos foram organizados conforme a tabela a seguir (Tabela 1).

Tabela 1 - Sistematização das matérias publicadas pelo The New York Times de 25/02/2020 a 31/07/2021

Assunto	Quantidade	%*
Ameaças à democracia brasileira	3	1,2
Críticas à omissão ou ao posicionamento do governo Bolsonaro	27	10,9
Economia na pandemia	11	4,4
Repercussão da visita de Bolsonaro à Trump	6	2,4
Promoção de medicamentos não comprovados	8	3,2
Situação epidemiológica ou atualizações sobre o caso brasileiro	118	47,6
Vacina e/ou vacinação	37	15,0
Outros	38	15,3
TOTAL	248	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados

* Números aproximados

Na primeira classificação nomeada como “Ameaças à democracia brasileira” foram alocadas as matérias que citavam a pandemia da Covid-19 e o risco de interrupção do regime político no país, como por exemplo em “Brazil: As the country reels from one of the world’s worst coronavirus outbreaks, President Jair Bolsonaro is threatening to resort to a military intervention to protect his grip on power²⁶” (DELKIC, 2020a). No contexto sanitário, as animosidades entre o presidente e o STF ficaram evidentes, já que, as determinações do tribunal desfavoreceram os discursos do chefe de Estado e privilegiaram o posicionamento dos governadores estaduais. Um episódio emblemático vivenciado no país aconteceu no dia 07 de setembro de 2021 quando foram realizados atos pró-Bolsonaro quando os manifestantes pediam pelo fechamento do STF e a volta do AI-5²⁷.

Outrossim, 27 artigos foram organizados em “Críticas à omissão ou ao posicionamento do governo Bolsonaro”. Nessa categoria, foram adicionados os materiais que

²⁶ Tradução livre: “Brasil: Enquanto o país se recupera de um dos piores surtos de coronavírus do mundo, o Presidente Jair Bolsonaro ameaça recorrer a uma intervenção militar para proteger seu domínio do poder”.

²⁷ Ato Institucional nº 5 de 13 de dezembro de 1968, durante a Ditadura Civil-Militar, pelo governo do General Arthur da Costa e Silva que impôs o período de maior rigidez do autoritarismo.

criticaram diretamente a administração da crise pandêmica pelo governo brasileiro, como na matéria publicada por Grillo (2020) em que o autor afirma que:

It is unfortunate that the coronavirus has struck during an era of populism. Across the Americas, Presidents López Obrador, Donald Trump and Jair Bolsonaro of Brazil have minimized the danger of the virus and blamed enemies for it. However, no government has looked great amid the crisis, and countries without populist presidents, such as France and Germany, have also seen infections shoot up. These are the leaders with whom we have to work in confronting this virus whether we like it or not²⁸ (p. 2)

O NYT classificou Bolsonaro como um líder negacionista ao lado de figuras populistas como Donald Trump (Estados Unidos) e Viktor Orban (Hungria). Para o jornal, esses políticos minimizaram o perigo do novo coronavírus para a saúde pública e o brasileiro, especificamente, foi o único grande mandatário a recusar a importância do distanciamento social (DELKIC, 2020b). A categoria referente ao posicionamento do presidente é a terceira com maior número de publicações, ficando atrás somente de “Vacina e/ou Vacinação” e “Outros”.

Já em “Economia na pandemia”, estão os conteúdos que relacionam diretamente às questões econômicas no íterim do surto sanitário, como em “Brazil’s government introduced emergency measures and plans to support informal workers with 600 Brazilian reais, around \$114, each per month for three months²⁹” (RILEY, RAPHAEL e SNIDER, 2020). Desde a explosão de contágios no Brasil, Bolsonaro tratou da pandemia em dois planos: 1) econômico e; 2) de saúde. Para ele, era necessário considerar os dois campos de forma individual antes das tomadas de decisões, entretanto, o chefe foi contra a determinação da OMS quando não priorizou a saúde pública, não adotou as medidas sanitárias recomendadas pela instituição e desconsiderou o caráter complementar das duas esferas.

Na categoria “Repercussão da visita de Bolsonaro à Trump” estiveram os escritos que abordam o encontro de março de 2020 em Mar-a-Lago onde os dois chefes trataram sobre acordos bilaterais, a restauração da democracia na Venezuela, o processo de paz no Oriente Médio, políticas comerciais e investimentos em infraestrutura, conforme a declaração conjunta publicada pela Casa Branca³⁰. Após as reuniões, um dos integrantes da comitiva brasileira, testou positivo para o novo coronavírus. Um exemplo dos textos alocados nessa

²⁸ Tradução livre: “É lamentável que o coronavírus tenha surgido durante uma era de populismo. Em todas as Américas, os presidentes López Obrador, Donald Trump e Jair Bolsonaro do Brasil minimizaram o perigo do vírus e culparam seus inimigos por ele. Entretanto, nenhum governo pareceu proeminente em meio à crise, e países sem presidentes populistas, como a França e a Alemanha, também viram infecções dispararem. Estes são os líderes com os quais temos que trabalhar para enfrentar este vírus, quer queiramos quer não”.

²⁹ Tradução livre: “O governo brasileiro introduziu medidas de emergência e planos para apoiar os trabalhadores informais com 600 reais, cerca de US\$114 cada, por mês, durante três meses”.

³⁰ Joint Statement from President Donald J. Trump and President Jair Bolsonaro. Disponível em: <<https://br.usembassy.gov/joint-statement-from-president-donald-j-trump-and-president-jair-bolsonaro-2/>>

divisão é: “Brazilian President Jair Bolsonaro’s communications chief tested positive, days after attending an event with President Trump and Vice President Mike Pence³¹” (DELKIC e TAKENAGA, 2020b). O NYT reproduziu o acontecimento, por conta da resistência de Donald Trump em fazer o teste para descobrir se foi infectado pela SARS-CoV-2 após o contato com o paciente positivo para Covid-19. O então presidente norte-americano não adquiriu a doença nesse contexto.

Ademais, 8 artigos versaram sobre a promoção de medicamentos não comprovados para prevenção e tratamento do novo coronavírus pelo líder do Brasil. Bolsonaro defendeu a administração da cloroquina, hidroxicloroquina e azitromicina como medicamentos a serem utilizados em pacientes infectados pelo vírus. Mesmo após a conclusão científica de que tais remédios não eram eficientes contra a SARS-CoV-2, o ex-militar continuou a promovendo em seus discursos e nas redes sociais. O NYT reportou essa atitude afirmando que o “President Jair Bolsonaro of Brazil hailed hydroxychloroquine as a godsend while railing against quarantine measures, contributing to a coronavirus crisis with the highest daily death toll in the world³²” (KWAI, 2020).

Sendo a maioria dos assuntos retratados pelo jornal, 118 publicações atualizavam os leitores sobre a situação epidemiológica da Covid-19 no Brasil. O alto número de textos dedicados a essa temática é explicado pelo mau desempenho brasileiro em frear a contaminação e os óbitos pelo novo coronavírus, o que se demonstra como um perigo para a comunidade internacional, tanto para o surgimento de novas variantes, como para finalizar o ciclo pandêmico. O país manteve altos índices nesses quesitos, alcançando o segundo lugar em infectados, tendo o menor número somente que os Estados Unidos.

Outras 37 publicações abordavam a vacina e/ou a vacinação no país. O início dos testes, a comprovação dos imunizantes pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e o Plano Nacional de Imunização (PNI) foi acompanhada e publicada pelo NYT. O periódico considerou o plano de imunização brasileiro caótico

With its top-notch immunization program and strong pharmaceutical industry, Brazil should be well-placed to bring the pandemic to an end there. But political infighting, haphazard planning and a rising anti-vaccine movement have left the nation without a clear vaccination plan³³ (DELKIC, 2020c, p. 4).

³¹ Tradução livre: “O chefe de comunicação do presidente brasileiro Jair Bolsonaro testou positivo, dias após participar de um evento com o Presidente Trump e o Vice Presidente Mike Pence”.

³² Tradução livre: “O presidente Jair Bolsonaro do Brasil aclamou a hidroxicloroquina como uma dádiva de Deus, ao mesmo tempo em que se opunha às medidas de quarentena, contribuindo a uma crise de coronavírus com o maior número de mortes diárias do mundo”.

³³ Tradução livre: “Com seu programa de imunização de alto nível e uma forte indústria farmacêutica, o Brasil deve estar bem posicionado para acabar com a pandemia. Mas as lutas políticas internas, o planejamento aleatório e um crescente movimento anti-vacina deixaram a nação sem um plano de vacinação claro”.

Além disso, na última categoria, foram direcionadas 38 matérias que não se encaixavam entre as outras, como por exemplo aquelas que mencionam a pandemia e o evento carnavalesco ou as que citavam o termo central para prestar solidariedade a algum falecido pela doença no país, como em “In memoriam: Aritana Yawalapiti, an Indigenous leader in Brazil who dedicated himself to protecting the environment and promoting the health of his people, died from the coronavirus. He was 71³⁴” (LANDRY, 2020a).

Já no que se refere ao segundo momento da coleta, foram encontrados 127 artigos, sendo 80 na seção *Briefing* e 47 em *Opinion*. Do total, 46 abordavam a pandemia no Brasil, ou seja, 36,22% dos conteúdos - que foram organizados conforme a tabela abaixo (Tabela 2).

³⁴ Tradução livre: “Em memória: Aritana Yawalapiti, líder indígena no Brasil que se dedicou à proteção do meio ambiente e à promoção da saúde de seu povo, morreu devido ao coronavírus. Ele tinha 71 anos”.

Tabela 2 - Sistematização das matérias publicadas pelo The New York Times de 01/08/2021 - 25/02/2022

Assunto	Quantidade	%*
Críticas à omissão ou ao posicionamento do governo Bolsonaro	11	24,0
Crimes contra a humanidade	7	15,2
Economia na pandemia	1	2,2
Promoção de medicamentos não comprovados	1	2,2
Situação epidemiológica ou atualizações sobre o caso brasileiro	7	15,2
Vacina e/ou vacinação	13	28,2
Outros	6	13,0
TOTAL	46	100

Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados

* Números aproximados

A disparidade na quantidade de artigos publicados entre os dois períodos considerados é explícita. A hipótese é que à medida que a vacinação aumentou e os casos da doença diminuíram no Brasil, o jornal optou por não mais retratar com ênfase a situação da crise sanitária da nação sul-americana, diversificando as pautas conforme outros eventos se desencadearam. Para esse novo íterim foi necessário realizar a exclusão de algumas categorias que não foram abrangidas nesta etapa e adicionar uma nova classificação intitulada “Crimes contra a humanidade”.

Seguindo os mesmos critérios da Tabela 1, a categoria “Críticas à omissão ou ao posicionamento do governo Bolsonaro” da Tabela 2 continuou retratando os textos que desferiam críticas diretas a administração da pandemia de Covid-19 pelo governo do Brasil. Entre os exemplos, pode-se citar o trecho publicado em 07 de fevereiro de 2022 que diz “True to form, Jair Bolsonaro has been making an already difficult situation worse. After failing to sabotage the vaccination campaigns for adults and teenagers, he’s been concentrating his efforts on undermining vaccination for kids³⁵” (BARBARA, 2022).

³⁵ Tradução livre: “Fiel à forma, Jair Bolsonaro vem piorando uma situação já difícil. Depois de não ter conseguido sabotar as campanhas de vacinação para adultos e adolescentes, ele tem concentrado seus esforços em minar a vacinação para crianças”.

A nova classificação “Crimes contra a humanidade” abrange os conteúdos que abordaram o relatório³⁶ do Senado sobre os crimes cometidos por Bolsonaro na gestão da pandemia. Uma das matérias aponta que “Jair Bolsonaro, the Brazilian president, should face mass homicide charges over his mishandling of the pandemic, a report from Brazil’s Senate is set to say³⁷” (TUMIN, 2021).

No que diz respeito à “Economia na pandemia”, a publicação tratava sobre o perigo inflacionário para os líderes populistas de direita do mundo, Frost (2021a, p. 2) escreveu “Prices are climbing faster than they have in almost two decades in Brazil, a country with a relatively recent history of disastrous inflationary episodes³⁸”. Já em “Promoção de medicamentos não comprovados” o jornal traz textos como: “He [Bolsonaro] continues to undermine measures to curb Covid-19 transmission, such as masking, social distancing and mass testing. He still promotes an “early treatment” with ineffective drugs such as hydroxychloroquine and says publicly that he’s not going to be vaccinated³⁹” (BARBARA, 2021a).

Ao longo do segundo recorte da pesquisa, o *The New York Times* continuou tratando da situação epidemiológica e atualizando os dados sobre a pandemia no Brasil, foram 7 publicações de tal teor. Da mesma forma, a campanha de vacinação se manteve em pauta no jornal norte-americano, sendo assunto de 13 publicações, como em “But even Mr. Bolsonaro couldn’t crack Brazilians’ unbreakable love of vaccines⁴⁰” (BARBARA, 2021b).

Na última categoria da tabela (“Outros”), foram adicionados os textos que não se encaixavam nas demais classificações como as publicações que tratavam sobre as medidas restritivas de viagem de brasileiros aos Estados Unidos por conta do número de casos de Covid-19 na nação sul-americana.

Somados, foram 526 conteúdos com a palavra-chave *Brazil* nas seções *Briefing* e *Opinion* no *The New York Times* entre 25 de fevereiro de 2020 e 25 de fevereiro de 2022. As

³⁶ Na pandemia foi instalada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) no Brasil para investigar as ações e omissões do Governo Federal no enfrentamento da Pandemia da Covid-19 que produziu um relatório disponível em:

https://senadofederal-my.sharepoint.com/personal/cpipandemia_arquivos_senado_leg_br/_layouts/15/onedrive.aspx?id=%2Fpersonal%2Fcpipandemia%5Farquivos%5Fsenado%5Fleg%5Fbr%2FDocuments%2FRelat%C3%B3rio%20Final%2FRelatorio%5FFinal%5Faprovado%2Epdf&parent=%2Fpersonal%2Fcpipandemia%5Farquivos%5Fsenado%5Fleg%5Fbr%2FDocuments%2FRelat%C3%B3rio%20Final&ga=1.

³⁷ Tradução livre: “Jair Bolsonaro, o presidente brasileiro, deve enfrentar acusações de homicídio em massa por sua má administração da pandemia, um relatório do Senado do Brasil está definido a dizer”.

³⁸ Tradução livre: “Os preços estão subindo mais rapidamente do que em quase duas décadas no Brasil, um país com uma história relativamente recente de episódios inflacionários desastrosos”.

³⁹ Tradução livre: “Ele [Bolsonaro] continua a minar as medidas para frear a transmissão Covid-19, tais como mascaramento, distanciamento social e testes em massa. Ele ainda promove um “tratamento precoce” com medicamentos ineficazes como a hidroxicloroquina e diz publicamente que não vai ser vacinado”.

⁴⁰ Tradução livre: “Mas mesmo o Sr. Bolsonaro não conseguiu quebrar o amor inquebrável dos brasileiros pelas vacinas”.

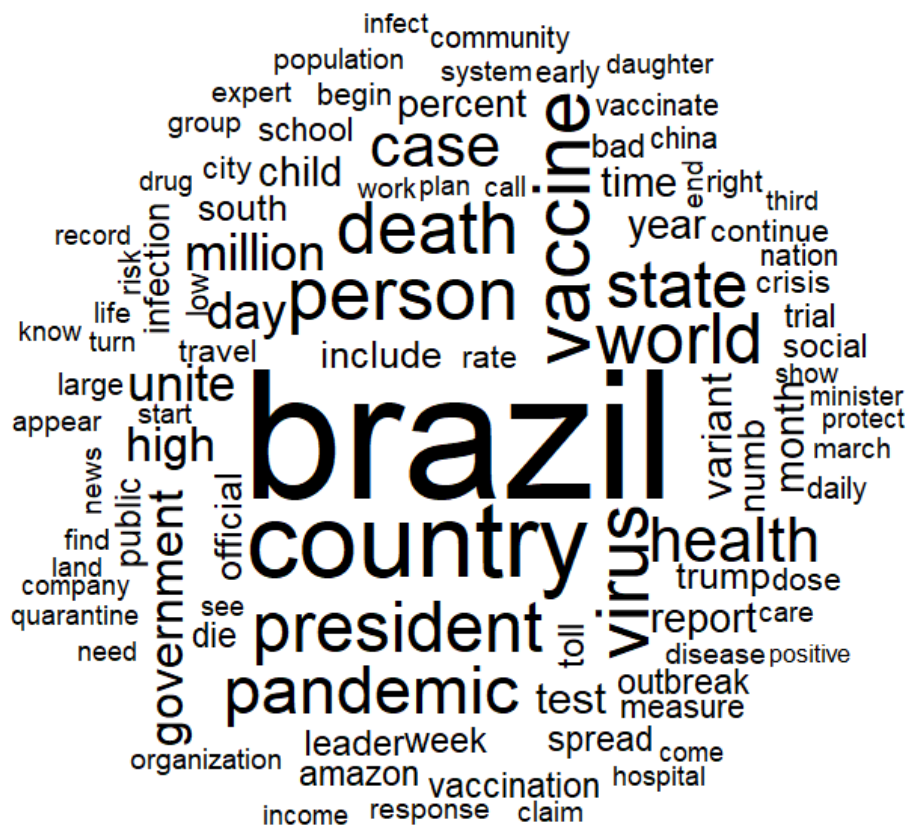
matérias que continham como assunto o surto pandêmico no Brasil totalizaram 294, ou seja, 55,89% das publicações a uma média de 7 publicações a cada 10 dias, evidenciando a ampla cobertura do jornal acerca dos desdobramentos da pandemia no país governado por Bolsonaro.

Após a coleta dos artigos e uma curadoria para filtrar o conteúdo das matérias⁴¹, eles passaram pelo *software* gratuito e de fonte aberta Iramuteq, o qual “permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras” (CAMARGO e JUSTO, 2013, p. 1). Tal recurso é ancorado no *software* estatístico R e na linguagem Python. A opção de análise escolhida foi a nuvem de palavras “que trabalha com a representação gráfica em função da frequência das palavras” (Idem, 2013, p. 16). A própria ferramenta oferece a opção de selecionar as classes gramaticais que serão consideradas para tornar a representação mais fiel aos objetivos do pesquisador.

O programa permite três *status* para tratar as classes de palavras: ativa (=1), complementar (=2) e desativada (=0). Para melhor compreender o *corpus* textual foram eleitas como ativas as classes: adjetivos, advérbio, auxiliar, substantivo e verbo e como complementar: as formas não reconhecidas. O *software* identificou 1.040 vocábulos com ocorrência entre 3 e 409 vezes. A fim de tornar a representação gráfica da nuvem de palavras agradável, foram selecionadas as 100 primeiras formas para comporem a imagem, conforme a figura a seguir (ver Figura 1).

⁴¹ Para a análise no software, foram considerados os textos completos tratando sobre a pandemia de Covid-19 no Brasil e para as demais matérias apenas os parágrafos que citavam diretamente a crise sanitária no país a fim de que o resultado tratasse especificamente da temática pesquisada, evitando a ocorrência de palavras não relacionadas com o contexto estudado.

Figura 1 - Nuvem de palavras formada a partir das matérias publicadas no The New York Times entre 25/02/2020 e 25/02/2022



Fonte: Elaboração própria com base nos dados coletados

Pôde-se constatar, através da observação da representação visual que os termos que apareceram de forma mais frequente foram: Brazil (409⁴²), Country (218), Vaccines (154), Person (145), Virus (140), Death (138), President (134), World (131), Pandemic (126), State (120), Health (112) e Case (108). Entretanto, as palavras que compõem o primeiro (1-25) e o terceiro quartil⁴³ (51-75) representam - em sua maioria -, vocábulos-chave no tratamento da Covid-19. Ou seja, não nos apresentam elementos suficientes para a análise interpretativa dos conteúdos. Ainda assim, é interessante que o cargo de presidente da República tenha sido mencionado um alto número de vezes (134), aliado a isso, embora a categoria que contemplaria o nome do líder brasileiro (Bolsonaro) não fosse considerada para a nuvem de palavras, ao pesquisar diretamente no corpus textual, encontra-se a recorrência de 185

⁴² Apesar do número total de matérias com o marcador *Brazil* serem 526, as que abordavam a pandemia somaram 294. E desse montante, pode-se perceber que ora termo aparecia mais de uma vez na mesma publicação (e conseqüentemente no fragmento considerado para a análise), ora não estava representado no trecho selecionado para compor o *corpus* textual, o que explica o número de repetições (409) do item utilizado como parâmetro na pesquisa.

⁴³ Algumas das palavras que compõem o quartil são: city, vaccinate, China, disease e organization.

menções do sobrenome do mandatário (caso estivesse na lista, ocuparia a 3º posição no ranking de frequência).

Em contraposição, no segundo quartil (26-50) e no quarto quartil (76-100), respectivamente, encontram-se - entre outros - os seguintes resultados: Trump (47), Spread (42), Amazon (42), Die (41), Bad (39) e; Drug (24), Quarantine (23), Minister (23), Record (21). Tais vocábulos, nos fornecem um caminho para compreendermos a forma como o jornal repercutiu a epidemia brasileira.

Desse modo, é possível inferir que, recorrentemente, a pandemia de Covid-19 no Brasil esteve associada à figura populista do ex-presidente estadunidense Donald Trump. Nesse quesito, o jornal trouxe à tona a comparação entre o posicionamento alinhado de Bolsonaro, o “Trump Tropical”, e o então líder da Casa Branca. Na publicação do dia 15 de julho de 2020, o youtuber e influenciador Felipe Neto publicou um artigo de opinião no jornal que inicia com a seguinte indagação: “Who’s the world’s worst leader at handling the pandemic? Easy. Donald Trump. Right? Well, as terrible as Mr. Trump is, [...] Felipe Neto, argues it’s actually his president, Jair Bolsonaro⁴⁴” (NETO, 2020).

Em relação ao termo “Spread”, nota-se que a propagação exponencial da Covid-19, foi assunto no NYT. Muitas vezes, o termo foi usado para comparar a situação do país com os Estados Unidos e/ou outros países, mas também foi utilizado para explicar o direcionamento da pandemia por parte do governo federal como em “From the beginning, the president sabotaged attempts to curb the transmission of the virus, sponsored ineffective treatments, helped to disseminate fake news and allowed, through his negligence, another variant of the virus to spread⁴⁵” (BARBARA, 2021b).

A Amazônia também se fez presente nas publicações do jornal. A questão ambiental no Brasil foi amplamente coberta por periódicos internacionais na pandemia, Nogueira, Melo e Galdino (2020) apontam que os jornais latino-americanos Clarín e El Tiempo realizaram uma cobertura negativa da imagem do país acerca da temática. No NYT, Tumin e Walker (2020) apontam que:

Brazil has the second-highest death toll in the world — behind only the U.S. The six cities with the highest coronavirus exposure are all on the Amazon River, according to researchers (...) the region’s ability to confront the pandemic has been further

⁴⁴ Tradução livre: “Quem é o pior líder mundial em lidar com a pandemia? Fácil. Donald Trump. Certo? Bem, por mais terrível que seja o Sr. Trump, [...] Felipe Neto, argumenta que na verdade é seu presidente, Jair Bolsonaro”.

⁴⁵ Tradução livre: “Desde o início, o presidente sabotou as tentativas de conter a transmissão do vírus, patrocinou tratamentos ineficazes, ajudou a divulgar notícias falsas e permitiu, através de sua negligência, outra variante do vírus para se espalhar”.

weakened under President Jair Bolsonaro, who has publicly mocked it, even though he tested positive himself⁴⁶ (p. 2)

O alto número de óbitos pela doença também se tornou notícia. De forma recorrente, o periódico trouxe a lista de países que somavam mais mortos pela doença como em novembro de 2021, quando o NYT publicou “The U.S. has reported the highest number of deaths, with more than 745,000 confirmed in total, followed by Brazil, India, Mexico and Russia⁴⁷” (FROST, 2021b).

Ademais, o adjetivo ruim/mau apareceu nos trechos reportados para tratar da crise brasileira. Um exemplo disso é o texto de Kristof (2020) em que o autor escreve:

A pandemic is a huge challenge for any country. Spain and Brazil have both had more deaths per capita than the United States, and Europe now has slightly more new infections per capita than the United States. Still, it’s not reassuring for the country that a year ago was considered best prepared for a pandemic to hear: We’re not quite as bad as Brazil!⁴⁸ (p. 1).

E no texto de Vanessa Barbara em que ela afirma: “But the truth is that we don’t have an average president. Not even a slightly bad one. We have Jair Bolsonaro, a man who maintains that the primary victims of Covid-19 have been “the obese and those who became frightened⁴⁹” (BARBARA, 2021a).

Outrossim, a promoção de medicamentos não comprovados cientificamente para o tratamento e prevenção a SARS-CoV-2 por Jair Bolsonaro, foi abordada no periódico, como em: “President Jair Bolsonaro has startled the medical community with his claim of a miracle drug — hydroxychloroquine — for Covid-19⁵⁰” (LANDRY, 2020b). Em consonância, surge o termo quarentena, ponto de inflexão entre o presidente e os governadores conforme apresentado neste trabalho. Em um dos artigos de *Briefing*, é tratado a rapidez com que alguns líderes latino-americanos atuaram fechando suas fronteiras e impondo quarentena às suas populações de forma antecipada, com exceção do Brasil e do México (DELKIC, 2020d).

⁴⁶ Tradução livre: “O Brasil tem o segundo maior número de mortes do mundo - atrás apenas dos EUA. As seis cidades com maior exposição ao vírus corona estão todas no Rio Amazonas, de acordo com pesquisadores (...) a capacidade da região de enfrentar a pandemia foi enfraquecida ainda mais sob o comando do presidente Jair Bolsonaro, que zombou publicamente dela, apesar dele próprio ter testado positivo”.

⁴⁷ Tradução livre: “Os EUA relataram o maior número de mortes, com mais de 745.000 confirmados no total, seguidos pelo Brasil, Índia, México e Rússia.”

⁴⁸ Tradução livre: “Uma pandemia é um enorme desafio para qualquer país. A Espanha e o Brasil tiveram mais mortes per capita do que os Estados Unidos, e a Europa tem agora um pouco mais de novas infecções per capita do que os Estados Unidos. Ainda assim, não é reconfortante para o país que há um ano fosse considerado melhor preparado para uma pandemia ouvir: “Não estamos tão ruins quanto o Brasil!”.

⁴⁹ Tradução livre: “Mas a verdade é que não temos um presidente médio. Nem mesmo um pouco ruim. Temos Jair Bolsonaro, um homem que sustenta que as principais vítimas da Covid-19 foram “os obesos e aqueles que se assustaram”.

⁵⁰ Tradução livre: “O presidente Jair Bolsonaro surpreendeu a comunidade médica com sua reivindicação de uma droga milagrosa - hidroxiloroquina - para a Covid-19”.

A dança da cadeira ministerial também foi apontada pelo jornal (BARBARA, 2021d), afinal, essa dinâmica aconteceu exclusivamente em território brasileiro. Além disso, a imprensa também reportou a infecção por coronavírus de Marcelo Queiroga na reunião da Assembleia Geral das Nações Unidas em setembro de 2021 (DELKIC, 2021). Por fim, o *corpus* textual demonstra o uso da palavra recorde em referência aos altos números de contágios e óbitos na nação. Em agosto de 2021, uma publicação trouxe o seguinte fragmento: “The virus was ripping through the country, claiming a record number of lives⁵¹” (BARBARA, 2021c). Esse é o pano de fundo que nos permite inferir de que modo foi construída a imagem internacional do Brasil na pandemia de Covid-19. Assunto que trataremos mais especificamente na seção seguinte.

4 O PERIÓDICO NORTE-AMERICANO NA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM INTERNACIONAL DO BRASIL NA PANDEMIA DE COVID-19

Apesar de o *The New York Times* se intitular um meio de comunicação independente e imparcial, Melo (2006) aponta para o fato de a mídia ter um “papel fundamental na disseminação da ideologia das elites capitalistas e funciona[r] como instituições de controle social” (p. 1), o autor afirma que as elites precisam de um sistema de doutrinação sofisticado para manipular a opinião pública e que as mídias acabam sendo incluídas como indústria de entretenimento e informação. Em consonância a esse argumento, Ferreira e Ribeiro (no prelo⁵²) assinalam que “a mídia se vê limitada diante dos valores ideológicos que a enquadram em um padrão distante de uma fonte informativa e independente, pelo contrário” (p. 8).

Ademais, não pode ser ignorado o fato de o periódico ser um meio de comunicação fundado nos Estados Unidos, portanto, detentor de um viés *mainstream* e Ocidental dos acontecimentos reportados, bem como o alto grau de influência que a potência exerce sobre os países latino-americanos e, justamente por isso, a mídia desse país torna-se central para a análise sobre a política externa brasileira (FERREIRA e RIBEIRO, no prelo), por exemplo.

Outrossim, é necessário sinalizar o poder de circulação mundial das notícias reportadas no NYT. Como demonstrado, o último relatório da companhia contabiliza mais de 10 milhões de assinantes nacionais e internacionais. Essa capilaridade torna-se importante ao passo que “no contínuo processo de construção da imagem de um país e governo, os meios de comunicação desempenham papel crucial” (FERREIRA e RIBEIRO, no prelo).

⁵¹ Tradução livre: “O vírus estava rasgando pelo país, ceifando um número recorde de vidas”.

⁵² Acesso e referência concedida pelos autores. O capítulo irá compor o livro *Mídia, Opinião Pública e Política Internacional*, Selo PPGCOM/UFMG, organizadores: Dr. Filipe Reis Melo, Dra. Sílvia Garcia Nogueira e Dr. Túlio Sérgio Henriques Ferreira. Selo Editorial PPGCOM/UFMG, previsão de publicação em 2022.

Finalmente, constata-se que no decorrer do tempo analisado para a pesquisa, o *The New York Times* publicou conteúdos críticos e negativos sobre a administração do surto pandêmico no Brasil. É interessante notar, porém, que a maioria dos artigos de tal teor citavam expressamente o nome ou o cargo do presidente da República e reportavam seus discursos públicos como marcador de contextualização sobre o caráter negacionista de seu governo. Como mostrado por Nogueira (2016, p. 285) “discursos midiáticos, políticos, diplomáticos, empresariais, militares e acadêmicos são essenciais na construção de representações coletivas internas e externas sobre um Estado, e a identidade nacional a ele relacionado”.

A constatação da imprudência governamental brasileira não foi, entretanto, particular do periódico estadunidense, pelo contrário, outros meios de comunicação como os latino-americanos Clarín e o El Tiempo, abordaram o viés negacionista de Jair Bolsonaro e sua influência em parte da população nacional (GALDINO, 2020). Dito isto, conclui-se que o país que começou a utilizar-se de forma exitosa da diplomacia midiática no governo Lula da Silva (CIRINO, LEITE e NOGUEIRA, 2019) caminhou para o abandono da prática na gestão seguinte de Dilma Rousseff pela baixa expertise da presidente nesse quesito (Idem, 2019) e que passou pelo golpe parlamentar de 2016 quando a fragilidade democrática tornou-se tema editorial de grandes meios de comunicação, inclusive o NYT (Idem, 2019), consolidou uma má reputação internacional na pandemia do novo coronavírus pela questionável condução da crise por Jair Bolsonaro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia de Covid-19 é um evento que ficará marcado na história como um grande desafio para a humanidade. No caso do Brasil, especificamente, o país foi ineficaz em conter a disseminação da doença e os óbitos causados por ela. Nesse sentido, a má gestão e a falta de coordenação federal para mitigar os efeitos adversos da SARS-CoV-2, tornou-se assunto de diversas mídias nacionais e internacionais, entre essas últimas, o periódico estadunidense *The New York Times* (NYT).

Como exposto, a imprensa tem um alto poder de influência e formação da opinião pública. Por esse motivo, consolidou-se como um importante agente das relações internacionais e transformou-se em objeto de análise entre internacionalistas e estudiosos da política internacional. Somente o NYT soma 9,1 milhões de assinantes mensais pagos, dentro e fora dos Estados Unidos e, considerando apenas o último trimestre de 2021, foram 1 milhão de novos leitores internacionais. Esses dados, além de ratificar o prestígio transnacional do

jornal, também evidenciam seu poder de replicação e que a cada ano tem se tornado uma fonte de informação requisitada por diversos indivíduos ao redor do mundo.

O periódico publicou 526 artigos contendo o marcador *Brazil* nas seções *Briefing* e *Opinion* de 25 de fevereiro de 2020 a 25 de fevereiro de 2022, desses, 55,89% dissertaram sobre a pandemia. Uma característica interessante entre os 294 conteúdos considerados para a pesquisa, foi o caráter crítico do jornal em relação ao posicionamento negacionista do governo de Jair Bolsonaro. Palavras emblemáticas como *bad*, *spread*, *die*, *drug* e *record* estiveram presentes no *corpus* textual analisado, apontando para um tratamento negativo acerca da imagem internacional do país na crise sanitária.

Portanto, as matérias publicadas no jornal contribuem para a formação de uma imagem de Estado pária quanto à administração da pandemia no Brasil. Galdino (2020) salienta que quando a construção da imagem de país é bem administrada, gera-se reputação e prestígio internacional para a nação em questão, contribuindo, conseqüentemente, para o estabelecimento de suas relações internacionais e exteriores. No caso da nação brasileira pandêmica, constata-se que ocorreu o inverso. Desse modo, cabe analisar em um estudo posterior, a forma como a formação de uma opinião pública negativa acerca da crise sanitária no país impactou os relacionamentos bilaterais e multilaterais do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Lilian de Andrade. **A influência da mídia na política externa dos países**. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Relações Internacionais) – Universidade de Brasília. Brasília, 2011.

AMORIM, Ana Paola. A imprensa no governo Bolsonaro sob ataques à liberdade de expressão. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1 ed, 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 467-480.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. Mito e realidade da opinião pública. **Revista de Administração de Empresas** [online]. 1964, v. 4, n. 11, 1964, p. 107-122.

ANDRADE, Hanrikson de. Bolsonaro vê covid-19 "começando a ir embora". **UOL**. Brasília, 12 de abril de 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/12/pais-nao-atingiu-pico-mas-bolsonaro-ve-covid-19-comecando-a-ir-embora.htm>> Acesso em: 23 maio 2022.

ARRAIS, César Henrique. **A mídia nas relações internacionais: aproximações epistemológicas**. 2014. 34 f. Trabalho de conclusão de curso (Especialização em Relações Internacionais) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

BARBARA, Vanessa. We Knew Bolsonaro Was Guilty. Now We Have 1,288 Pages of Proof. **The New York Times**. São Paulo, 28 de outubro de 2021a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/10/28/opinion/bolsonaro-brazil-report.html>> Acesso em: 13 jun. 2022.

BARBARA, Vanessa. Bolsonaro May Not Actually Succeed in Destroying Us All. **The New York Times**. São Paulo, 09 de agosto de 2021b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/08/09/opinion/brazil-bolsonaro-vaccines.html>> Acesso em: 13 jun. 2022.

BARBARA, Vanessa. My Daughter and I Are Trapped in Brazil's Tragedy. **The New York Times**. São Paulo, 19 de agosto de 2021c. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/04/19/opinion/brazil-covid-bolsonaro.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

BARBARA, Vanessa. The Unveiling of Bolsonaro's Supervillain Plot Is Weirdly Gripping. **The New York Times**. São Paulo, 27 de maio de 2021d. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/05/27/opinion/brazil-covid-inquiry-bolsonaro.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

BARBARA, Vanessa. The Brazilian President's Latest Sabotage Efforts Have Failed. **The New York Times**. Juiz de Fora, 07 de fevereiro de 2022. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2022/02/07/opinion/bolsonaro-brazil-vaccines-kids.html>> Acesso em: 13 jun. 2022.

BARIFOUSE, Rafael. Quem é Nise Yamaguchi, a médica que aconselha Bolsonaro, defende a cloroquina e vai depor na CPI da Covid. **BBC News Brasil**. São Paulo, 01 de junho de

2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57124296>> Acesso em: 23 maio 2022.

BOLSONARO, Jair. - Conceituada revista científica internacional atesta que o medicamento antiviral nitazoxanida é capaz de reduzir a carga viral em pacientes infectados pelo coronavírus. Saiba mais em <http://gov.br/mcti>. No YouTube: [@mctic @Astro_Pontes](https://youtu.be/ETH_dHFSyuQ). **Twitter:** @jairbolsonaro. 05 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1346383187006656512>> Acesso em: 23 maio 2022.

BOLSONARO, Jair. D- Aos que torcem contra a Hidroxicloroquina, mas não apresentam alternativas, lamento informar que estou muito bem com seu uso e, com a graça de Deus, viverei ainda por muito tempo. **Twitter:** @jairbolsonaro. 08 de julho de 2020. Disponível em: <<https://twitter.com/jairbolsonaro/status/1280849256593702918>> Acesso em: 23 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria N° 188, de 3 de fevereiro de 2020**. Brasília, 04 de fevereiro de 2020a. Disponível em: <<https://www.in.gov.br/web/dou/-/portaria-n-188-de-3-de-fevereiro-de-2020-241408388>> Acesso em: 21 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Brasil confirma primeiro caso da doença**. Brasília, 26 de fevereiro de 2020b. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/fevereiro/brasil-confirma-primeiro-caso-de-novo-coronavirus>> Acesso em: 21 maio 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. #AoVivo Ministério da Saúde atualiza situação sobre Coronavírus. **Facebook**, 26 de fevereiro de 2020c. Disponível em: <<https://www.facebook.com/watch/live/?ref=external&v=154846685522608>> Acesso em: 21 maio de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Chega ao fim, neste domingo, Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional causada pela Covid-19**. Brasília, 21 de maio de 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/maio/chega-ao-fim-neste-domingo-e-emergencia-em-saude-publica-de-importancia-nacional-causada-pela-covid-19>> Acesso em: 21 maio 2022.

BURITY, Caroline Rangel Travassos. **Mídia e relações internacionais:** diplomacia midiática no Governo Lula (2003-2010). Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2012.

CAMARGO, Brígido Vizeu.; JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual IRAMUTEQ**. Universidade Federal de Santa Catarina. 2013. Disponível em: <<http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>> Acesso em: 11 jun. 2022.

CAMARGO, Julia Faria. **Ecos do Frigor:** a invasão do Iraque em 2003. A mídia internacional e a imprensa brasileira. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Universidade de Brasília. Brasília, 2008.

CAMARGO, Kenneth Rochel de.; COELI, Claudia Medina. A difícil tarefa de informar em meio a uma pandemia. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30(2), p. 1-5, 2020.

CAMOÇA, Alana; FONTES, Pablo; LUZ, Cristina Rego Monteiro da; RESENDE, Taisa.; SILVA, Danielle Costa da. A interdisciplinaridade nos estudos das Relações Internacionais: a contribuição da Comunicação Social aos estudos sobre Mídia e Política Externa. **Revista Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**, Dourados, v.6. n.12, jul./dez 2017.

CIRINO, T. E. S.; LEITE, A. C. C.; NOGUEIRA, S. G. Brazilian External Policy and Media: The Media Diplomacy in the Dilma Impeachment Crisis (2016). **Intercom - Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 42, n. 1, p. 57-70, 2019. Disponível em: <<https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/2686/2245>> Acesso em: 25 jun. 2022.

CONCEIÇÃO, Lorrany Ribeiro. Governo Bolsonaro x as recomendações da OMS: uma análise através do Twitter e do The New York Times. **YouTube**. 1 vídeo (9min20s). 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6WJUBru72Do>> Acesso em: 22 maio 2022.

CONCEIÇÃO, Lorrany Ribeiro; NOGUEIRA, Silvia Garcia. O uso do populismo digital pelo presidente Jair Bolsonaro durante a pandemia de Covid-19. In: Congresso Internacional FoMerco 18., 2021. **Anais Eletrônicos** [...] 2021. Disponível em: <https://www.congresso2021.fomerco.com.br/resources/anais/14/fomerco2021/1632182855_ARQUIVO_d6b2a2e71a6fa7b77cb97d78020cd1df.pdf> Acesso em: 21 maio 2022.

CONCEIÇÃO, Lorrany Ribeiro.; NOGUEIRA, Silvia Garcia. Pandemia de Covid-19 no Brasil: crise governamental, negacionismo e presença digital de Jair Bolsonaro no Twitter. In: MELO, NOGUEIRA; FERREIRA (org.). **Mídia, Opinião Pública e Política Internacional**. Belo Horizonte, MG: Selo PPGCOM/UFMG, no prelo.

COUTO, Cláudio Gonçalves. Do governo-movimento ao pacto militar-fisiológico. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1 ed, 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-49, 2021.

DELKIC, Melina. Shaky Reopenings, Premier League, Sikh Traditions: Your Thursday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 10 de junho de 2020a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/06/10/briefing/india-reopening-premier-league.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

DELKIC, Melina. Global Recession, Coronavirus, Face Masks: Your Thursday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 01 de abril de 2020b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/01/briefing/coronavirus-global-recession-masks.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

DELKIC, Melina. Your Wednesday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 15 de dezembro de 2020c. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/12/15/briefing/virus-vaccines-icc-ughurs-korea-couriers.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

DELKIC, Melina. Coronavirus, India's lockdown, Jamal Khashoggi: Your Thursday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 25 de março de 2020d. Disponível em:

<<https://www.nytimes.com/2020/03/25/briefing/coronavirus-india-lockdown-jamal-khashoggi.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

DELKIC, Melina. Your Thursday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 22 de setembro de 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/09/22/briefing/unga-biden-covid-ukraine-attack-evergrande.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

DIAS, Marina. Bolsonaro minimiza crise e diz que coronavírus está superdimensionado. **Folha de S. Paulo**. Miami, 09 de março de 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/bolsonaro-minimiza-crise-e-diz-que-coronavirus-esta-superdimensionado.shtml>> Acesso em: 23 maio 2022.

DUARTE, André de Macedo.; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Negação da Política e Negacionismo como Política: pandemia e democracia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 45, n. 4, e109146, 2020.

ELIAS, Paula de Campos. A mídia e a percepção da sociedade civil nas relações internacionais. In: Encontro Nacional ABRI 3. **Anais Eletrônicos** [...]. 2017. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:WIAogCEaymYJ:www.abri.org.br/anais/3_Encontro_Nacional_ABRI/Teoria_das_Relacoes_Internacionais/TRIS%252017_Paula%2520de%2520Campos%2520Elias%2520A%2520influ%2B%25ACncia%2520da%2520m%2B%25A1dia%2520nas%2520percep%2B%25BA%2B%25C1es%2520da%2520sociedade%2520civil%2520nas%2520rela%2B%25BA%2B%25C1e.pdf+%&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br> Acesso em: 04 jun. 2022.

ESTADOS UNIDOS. Organização Pan-Americana De Saúde. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Washington, OPAS, 2020. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>> Acesso em: 21 maio 2022.

FERREIRA, Fernanda Vasques. Raízes históricas do conceito de opinião pública em comunicação. **Em Debate**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.50-68, jan. 2015.

FERREIRA, Túlio S. H.; RIBEIRO, Pedro Feliú. O Brasil dos governos FHC e Lula pela lente editorial de 4 grandes jornais dos EUA. In: MELO, NOGUEIRA; FERREIRA (org.). **Mídia, Opinião Pública e Política Internacional**. Belo Horizonte, MG: Selo PPGCOM/UFMG, no prelo.

FIGUEIREDO, Rubens; CERVELLINI, Silvia. Contribuições para o conceito de opinião pública. **Opinião Pública**, Campinas, vol. III, nº 3, p.171-185, dez. 1995.

FROST, Natasha. Your Tuesday Briefing. **The New York Times**. Austrália, 13 de dezembro de 2021a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/12/14/briefing/omicron-pandemic-inflation-boris-johnson.html>> Acesso em: 13 jun. 2022.

FROST, Natasha. Your Tuesday Briefing. **The New York Times**. Austrália, 02 de novembro de 2021b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/11/02/briefing/climate-summit-coronavirus-deaths.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

GALDINO, Amanda Caroline. **A imagem sanitária do Brasil na ótica da mídia latino-americana: uma análise das notícias do Clarín e do El Tiempo em 2020**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Estadual da Paraíba, João Pessoa, 2020.

GALDINO, Amanda Caroline.; CONCEIÇÃO, Lorrany Ribeiro.; NOGUEIRA, Silvia Garcia. Leituras distintas de uma mesma pandemia: uma análise do Twitter presidencial em confronto com as notícias internacionais e a construção de imagem do Brasil no exterior. **Revista de Iniciação Científica**. João Pessoa, Vol. 8, Nº 15, p. 50-71, março, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ricri/article/view/55510>> Acesso em: 21 maio 2022.

GILBOA, Eytan. Diplomacy in the media age. Three models of uses and effects. **Diplomacy & Statecraft**, vol.12, nº.2, p. 1-28, 2001.

GONÇALVES, Isabella de Souza. Do impresso ao digital: o processo de transição do New York Times. **Comunicação Pública [Online]**, Vol.14 nº 27, 2019.

GRAGNANI, Juliana. O que é 'globalismo', termo usado pelo novo chanceler brasileiro e por Trump? **BBC News Brasil**. Londres, 3 de fevereiro de 2019. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-46786314>> Acesso em: 23 maio 2022.

GRILLO, Ioan. Mexico, the Coronavirus and the Hugging President. **The New York Times**. México, 23 de março de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/23/opinion/mexico-coronavirus-amlo.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

GULLINO, Daniel. Bolsonaro diz que pandemia 'está acabando' e ironiza pressa de Doria para comprar vacina. **O Globo**. Brasília, 30 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/bolsonaro-diz-que-pandemia-esta-acabando-ironiza-pressa-d-2020e-doria-para-comprar-vacina-1-24721013>> Acesso em: 23 maio 2022.

HOOFNAGLE, Mark.; HOOFNAGLE, Chris Jay. What is Denialism? **Social Science Research Network**. 2022 [2007]. Disponível em: <<https://dx.doi.org/10.2139/ssrn.4002823>> Acesso em: 23 maio 2022.

JUNQUEIRA, Caio.; MACHIDA Kenzô. Após 29 dias no cargo, Nelson Teich pede demissão do Ministério da Saúde. **CNN**. Brasília, 15 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/nelson-teich-pede-demissao-do-ministerio-da-saude/>> Acesso em: 22 maio 2022.

KRISTOF, Nicolas. America and the Virus: 'A Colossal Failure of Leadership'. **The New York Times**. China, 22 de outubro de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/10/22/opinion/sunday/coronavirus-united-states.html>> Acesso em: 26 jun. 2022

KWAI, Isabella. Reopenings in Europe, Far-Right Protests, Facebook: Your Monday Briefing. **The New York Times**. Londres, 15 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/06/15/briefing/europe-reopenings-far-right-protests-facebook.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

LANDRY, Carole. South Korea's Outbreak, Belarus Protests, Kamala Harris: Your Monday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 16 de agosto de 2020a. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/08/16/briefing/south-korea-virus-kamala-harris-belarus.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

LANDRY, Carole. Coronavirus Flare-Up, U.S. Police, Facebook: Your Monday Briefing. **The New York Times**. Nova Iorque, 14 de junho de 2020b. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/06/14/briefing/coronavirus-china-us-police-facebook.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

LANDRY, Carole.; MASUIKE, Hiroto. California's Rollback, Washington's N.F.L. team, Koalas: Your Monday Evening Briefing. **The New York Times**. 13 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/07/13/briefing/california-the-redskins-koalas.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

LESSA, Mônica Leite.; MONTEIRO, Eduardo da Nóbrega. Mídia e Política Externa Brasileira: uma abordagem crítica. **Revista Neiba**, Rio de Janeiro, Vol. 9, 2020.

MANZUR, Tânia Maria P. Gomes. Opinião pública e política externa do Brasil do Império a João Goulart: um balanço historiográfico. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v.42, n.1, p.30-61, 1999.

MARINUCCI, Raquel Boing. Relações internacionais e mídia. **Univ. Rel. Int.**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 43-52, jan./jun. 2008.

MELO, Filipe Reis. Mídia como instrumento de controle social. **UNirevista (UNISINOS. Online)**, v. 1, p. 1-2, 2006.

NETO, Filipe. Trump Isn't the Worst Pandemic President. **The New York Times**. 15 de junho de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/07/15/opinion/coronavirus-covid-brazil-bolsonaro.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

NOGUEIRA, Silvia Garcia.; GALDINO, Amanda Caroline.; CONCEIÇÃO, Lorrany Ribeiro. Os tweets de Bolsonaro e a cobertura do The New York Times: enfoques distintos sobre a pandemia de Covid-19 e a vacina no Brasil. **Revista de Estudos Internacionais**. João Pessoa, no prelo.

NOGUEIRA, S. G.; BURITY, C. A construção da imagem do Brasil no exterior e a diplomacia midiática no governo Lula. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, n. 41, pp. 375-397, 2012. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/index.php/politicaetrabalho/article/view/16781>> Acesso em: 24 jun. 2022.

NOGUEIRA, S.; MELO, F.; GALDINO, A. A imagem ambiental do Brasil no governo Bolsonaro: análise de uma percepção latino-americana. **Sul Global**, 1(2), p. 31-63, 2020. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/sg/article/view/36286>> Acesso em: 20 jun. 2022.

NOGUEIRA, Silvia. Reflexões sobre o papel da mídia na construção do nationess: os casos da Telesur e da Al-Jazeera. **Carta Internacional**, Vol. 7, n. 2, p. 117-126, 2012. Disponível

em: <<https://www.cartainternacional.abri.org.br/Carta/article/view/61>> Acesso em: 24 jun. 2022.

NYTCO. **Mission and Values**. Nova York, s/a. Disponível em: <<https://www.nytc.com/company/mission-and-values/>> Acesso em: 11 jun. 2022.

NYTCO. **The New York Times Company Reports First-Quarter 2022 Results**. Nova Iorque, 04 de maio de 2022. Disponível em: <https://s23.q4cdn.com/152113917/files/doc_news/2022/05/NYT-Press-Release-3.27.2022-Final-O2ACvs2.pdf> Acesso em: 11 jun. 2022.

OLIVEIRA, Rafael Santos de. **A mídia como ator emergente das Relações Internacionais: seu protagonismo no uso do soft power frente aos desafios da mudança climática**. Florianópolis: UFSC, 2010. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

OLIVEIRA, Vanessa Elias de.; FERNANDEZ, Michelle. Política de saúde no governo Bolsonaro: desmonte e negacionismo. In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1 ed, 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, p. 287-300, 2021.

RADENOVIC, Milan Rados. Opinião pública mundial: formar ou manipular. **Revista Prisma.Com**. Porto, julho de 2006. p. 93-121. Disponível em: <<https://ojs.letras.up.pt/index.php/prismacom/article/view/2138/1971>> Acesso em: 05 jun. 2022.

RILEY, Lee W.; RAPHAEL, Eva.; SNYDER, Robert. A Billion People Live in Slums. Can They Survive the Virus? **The New York Times**. 08 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/04/08/opinion/coronavirus-slums.html>> Acesso em: 12 jun. 2022.

RODRIGUEZ-MORALES, A. J. et al. "COVID-19 in Latin America: The implications of the first confirmed case in Brazil". **Elsevier**. 2020. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7129040/>> Acesso em: 21 de maio 2022.

SOROKA, Stuart N. Media, public opinion, and foreign policy. **The Harvard International Journal of Press/Politics** 8(1):27- 48, 2003.

SOUZA, Celina; FONTANELLI, Flavio. Antídotos institucionais do federalismo brasileiro: a covid-19 mudou a dinâmica federativa? In: AVRITZER, Leonardo; KERCHE, Fábio; MARONA, Marjorie (orgs.). **Governo Bolsonaro: retrocesso democrático e degradação política**. 1 ed, 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, p. 135-150, 2021.

STF reconhece competência concorrente de estados, DF, municípios e União no combate à Covid-19. **Supremo Tribunal Federal**, 15 de abril de 2020. Disponível em: <<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=441447&ori=1>> Acesso em: 21 maio 2022.

SUIÇA. World Health Organization. **WHO Director-General's statement on IHR Emergency Committee on Novel Coronavirus (2019-nCoV)**. 30 de janeiro de 2020a. Disponível em:

<[https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ih-r-emergency-committee-on-novel-coronavirus-\(2019-ncov\)](https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-statement-on-ih-r-emergency-committee-on-novel-coronavirus-(2019-ncov))> Acesso em: 21 maio 2022.

SUIÇA. World Health Organization. **WHO Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 11 March 2020**. 11 de março de 2020b. Disponível em: <<https://www.who.int/director-general/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---11-march-2020>> Acesso em: 22 maio 2022.

TITO, Fábio. Brasil registra 781 mortes por Covid; média móvel entra em tendência de queda após quase dois meses. **G1**. 25 de fevereiro 2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/02/25/brasil-registra-781-mortes-por-covid-media-movel-entra-em-tendencia-de-queda-apos-quase-dois-meses.ghtml>> Acesso em: 28 maio 2022.

TRAUMANN, Thomas. O que levou Bolsonaro a demitir Pazuella. **Veja**. 19 de março de 2021. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/coluna/thomas-traumann/o-que-levou-bolsonaro-a-demitir-pazuella/>> Acesso em: 22 maio 2022.

TUMIN, Remy. Jobs, Brazil, N.B.A.: Your Tuesday Evening Briefing,. **The New York Times**. 19 de outubro de 2021. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2021/10/19/briefing/jobs-brazil-nba.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

TUMIN, Remy.; WALKER, Elijah. Coronavirus, Hurricane Hanna, Regis Philbin: Your Weekend Briefing. **The New York Times**. 26 de julho de 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/07/26/briefing/coronavirus-hurricane-hanna-regis-philbin.html>> Acesso em: 26 jun. 2022.

TURVILLE, William. 100k Club: As assinaturas de notícias digitais atingem os 30 milhões nas maiores editoras. **PressGazette**. 12 de maio de 2022. Disponível em: <<https://pressgazette.co.uk/digital-news-subscriptions-ranking/>> Acesso em: 26 jul. 2022

VALENTE, Leonardo. **Política Externa na Era da Informação**. O novo jogo do poder, as novas diplomacias e a mídia como instrumento de Estados nas Relações Internacionais. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

VEIGA, Edison. O que é o centrão, que cada vez mais protagoniza o governo Bolsonaro? **TAB Uol**. Bled, 18 de agosto de 2021. Disponível em: <<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2021/08/18/o-que-e-o-centrao-que-cada-vez-mais-protagoniza-o-governo-bolsonaro.htm>> Acesso em: 28 maio 2022.

VENTURA, Deisy de Freitas Lima; REIS, Rosana. A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. **Direitos na pandemia**: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil, São Paulo, n. 10, p. 6-31, 2021. Disponível em: <<https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>> Acesso em: 20 jun. 2022.

VICENTE, M. História e comunicação na ordem internacional [online]. São Paulo: **Editora UNESP**; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

VIEIRA, Anderson. Decisão do STF sobre isolamento de estados e municípios repercute no Senado. **Agência Senado**. 16 de abril de 2020. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2020/04/16/decisao-do-stf-sobre-isolamento-de-estados-e-municipios-repercute-no-senado>> Acesso em: 21 maio 2022.

WENDZEL, Robert L. **Relações Internacionais**: o enfoque do formulador de políticas. Brasília: UNB, 1985.

WOROBAY, Michael. Dissecting the early COVID-19 cases in Wuhan. **Science**. Vol. 374 Ed. 6572, dezembro, 2021. Disponível em: <<https://www.science.org/doi/pdf/10.1126/science.abm4454>> Acesso em: 21 maio 2022.